DISCURSO

Pronunciado por Julio Cesar da Fonseca Filho, em 11 de Agosto de 1924, por occasião da Commemoração solemne da inauguração dos Cursos Juridicos, promovida pela Faculdade de Direito.

Carissimos concidadãos.

Em nome do «Instituto Historico do Ceará» venho trazer-vos congratulações pelo anniversario da creação dos cursos juridicos no Brasil.

O que poderei eu dizer que já não tenha sido dito por myriades de palavras mais eloquentes do que a minha ? Em todo o caso, sem que me queime os labios o fogo purificador e inspirador da ascua biblica, para o desemponho do encargo imposto e humildemente acceito, dir-vos-hei :—Mocidade academica, só uma coisa garante-vos o futuro, é o estudo.

A sciencia do direito, que cultivaes, uma das mais nobres e que mais elevam as nações, sem contestação, é a força de gravitação que preside á ordem no mundo social, é o rythmo moral dos povos na infinita harmonia dos seres e das coisas, é talvez o maior poder de construcção dado ao homem. Dahi, como a consequencia de uma proposição demonstrada, decorrem ineluctavelmente grandes labores, grandes sacrificios, grandes responsabilidades.

Sem previsões optimistas e nem vendo promissores horisontes deante dos olhos, avidos de espaço,

sem ter a intuição prophetica das coisas e nem me sendo dado formular augurios fatidicos, sou, comtudo, levado, por impulsos irresistiveis, a desejar-vos um brilhantissimo futuro, que conto realizar-se-ha, se por ventura fizerdes do estudo do direito um ponto de apoio e de todos os vossos esforços uma inamolgavel alavanca.

Para mim a missão do direito, a mais importante quiçá, é o seu magno intuito para a producção e a consolidação da paz internacional ou melhor mundial.

Os tratados, os accôrdos, os convenios, os tribunaes de arbitramento, os protocollos, as conferencias, que se firmam todos os dias entre os povos, como formulas finaes e definitivas de defesa e solução, dirimindo conflictos, litigios e pendencias, erriçados muitas vezes de arduos e complicados problemas, valem mais do que as victoriosas guerras, quer estas tomem o interesse apaixonado da tragedia quer a amplidão imponente da epopéa. E é o direito que faz tudo isso, é a sua grande obra historica, a sua grande communhão eucharistica, a sua grande funcção, na cinematica das sociedades. Nada ha mais bello, nada mais sublime.

O direito é a mãi fecunda, a nutriz uberrima da paz, a paz é o amôr, o amôr é a mocidade eterna.

Sois moços, tendes amôr, a paz pelo direito deve ser a vossa divisa, o lemma inscripto nos escudos e no vexillo de todos os vossos combates, o—Excelsior—que deveis soltar, como o heróe de Longfellow, aos ventos liberrimos da Patria.

A paz pelo direito não é uma vã chimera, não é uma pura abstracção a fluctuar vagamente em alguns espiritos sonhadores, não é a asymptota da hyperbole descripta por um doutrinarismo sentimental. E' a palpitação de todos os corações, a visão de todas as intelligencias, o ideal de todos os pensadores, o verbo de todas as religiões, a voz da humanidade inteira.

Como todos os povos aspiramos subir, impellidos pelo espirito novo que nos conduz ao vertice do desenvolvimento integral da cultura humana. Lá encontrareis um pharol, eternamente acceso, numa rotação incessante, de luz sempre extensa e sempre esparsa: é o direito illuminando o mundo inteiro.

Que infinitas perspectivas! que decortinamento na visão dos mais altos objectivos da civilisação! que fóco perennal e fecundo de promettedoras grande zas, a espalhar por todas as nações com a diffusão plena e procreadora da luz solar!

O direito bem comprehendido e amado é a oração quotidiana da humanidade, atravez de todas as pugnas, na eterna basilica onde todos commungam na mesma eucharistia, baptisam-se na mesma agua lustral e ouvem da mesma cathedra as mesmas verdades redemptoras.

E' preciso que a mocidade conheça e ame o direito; conheça e ame o direito, como uma necessidade de sua intelligencia, como um affecto de seu coração.

E' preciso batalhar, batalhar sem cessar para que a victoria final e definitiva seja a conquista do bem estar geral pelo direito, este vellocino dos modernos argonautas.

Saúdo, pois, a mocidade, esta lyra de accórdes divinos, afinada ao clarão branco das alvoradas, na curva azul do horisonte da vida; saúdo a mocidade, este celleiro provido da Patria; saúdo a mocidade, este espelho ustorio onde se concentram as irradiações matinaes do sol do enthusiasmo; saúdo a mocidade, este incensorio de onde se exhalam os perfumes virginaes dos mais encantadores sonhos; saúdo a mocidade, esta symphonia, de sentimentos nobres; saúdo a mocidade, este ciborio de sagradas illusões; saúdo a mocidade, esta ascensão continua e perennal para o futuro; e saudando-a, no dia de hoje, não me é dado deixar de votar

a minha oblação cultual ao direito, a unidade que integra todas as forças de cohesão, conservação e progresso do organismo social, estabelecendo a synergia das funcções necessarias ao equilibrio geral e impondo uma direcção á cultura humana pela interpenetração e regras de agir da civilisação dos povos, no esplendor de sua marcha evolutiva.

Crer no direito é affirmar e proclamar a bondade da vida, é um postulado do dever, é um acto de fé moral; e a mocidade, fazendo de suas crenças o symbolo de um apostolado, revela-se na plenitude de uma verdadeira theophania.

Deveis saber que o direito é o architecto da magna obra da pacificação universal. O mundo não pode continuar a ser um immenso campo militar. Os tratados politicos são as unicas armas que fazem, no bom sentido, os povos triumphadores. Pouse no canhão, dominando-o, a pomba da alliança e substitua o fusil o ramo de oliveira. Fechem-se por uma vez os templos de Marte. Não mais arsenaes, cavernas do Eolo da destruição. E o direito deve imperar, como a soberania das soberanias.

Só ha guerras, só ha revoluções quando o direito é desconhecido ou não comprehendido; quando fazem delle uma potestade infernal ou um agatho-dæmon, no dizer hellenico, donde egoisticamente emanam venturas e prosperidades de classes.

Desejo-vos as melhores e maiores victorias nas Olympiadas de vosso viver social e politico, pelo aperfeiçoamento moral sobretudo, como tambem pelo aperfeiçoamento physico, pela cultura do musculo, como pela cultura do cérebro e do coração. Eis a verdadeira eugenia.

Se, como uma vez escrevi, a velhice é o cemiterio das illusões banhado pelo luar da saudade, a mocidade, tambem, é o berço das illusões em-

balado pelos acalentos da esperança. A esperança vem da fé e ambas constituem o amôr, de que o patriotismo é a mais santa manifestação.

Não deveis jamais envelhecer. Não são os annos que fazem os velhos, são as desillusões. Deveis, pois, conservar a mocidade, nutrindo-a com os bellos ideaes e os bellos enthusiasmos. Sempre moços, a despeito dos annos.

A mocidade envelhece quando não tem aspirações e cahe nos vicios e nas paixões tumultuosas e vis; e a velhice na mocidade é o peior de todos os estados, que o homem póde atravessar na vida.

A mocidade não é o mal divino de que se vai curando cada dia, que passa, Mussolini, é elle mesmo que o diz, accusado de demasiado moço para as responsabilidades do cargo de primeiro ministro da Italia, não; é um bem divino que todos devem conquistar e conservar dentro do cimelio do coração. Não tem razão Mussolini.

Contemplemos as grandes bellezas, através os esplendores da esthetica do bem, meditemos os grandes problemas, dominados pelo criterio lucido e altissimo da sã philosophia e pratiquemos as grandes coisas pelo ideal sublime do christianismo; eis as poderosas razões de existir, sem velhice, que se torna assim um conjuncto de mocidades, elevando o nivel moral acima de todos os interesses materiaes.

Sempre pensei, como penso hoje, e assim fallei, não como Zaratoustra, por occasião da installação da Faculdade Livre de Direito, de que sois filhos dilectos.

Todo corpo, para viver e engrandecer, tem necessidade de uma alma, isto é, de «uma idéa directora e organisadora», que discipline as forças, as subordine e as faça concorrer para o bem commum.

O calôr humano, em virtude das leis ther-

modynamicas, se transforma em força, em trabalho, em movimento.

O calôr, de que precisamos, chama-se patriotismo.

Os phenomenos, factos e relações, que o direito rege, são de tal natureza, têm tomado tal desenvolvimento, graças á maravilhosa expansão economica da nossa sociedade, que se não duvida consideral-o a potencia das potencias.

Ensinar a pratical-o, dar-lhe vida, fazel-o valer, é de facto uma funcção magna.

Temos chegado á convicção, de que só a educação pelo direito pode dar a liberdade aos individuos e aos povos.

Acredito que a tarefa ingente do seculo XX é a de fazer espalhar o direito por todas as gentes, como a palavra eterna da redempção social, cujo fructo opimo é a paz pelo trabalho.

O direito não é, de certo, uma palavra magica, uma especie de phonautosthenia; mas é toda a existencia na integridade e plenitude das suas realisações.

Só o direito sabe vencer sem deixar vencidos. O seu grito de guerra é um canto de paz, um hymno de concordia.

A democracia é o governo do direito. O direito nella deve ter a sua maior cultura, a sua mais forte acção propulsiva.

Longe do pessimismo naturalista e do optimismo idealista, o direito tende á bondade commum, á bondade universal. E' a bondade que elle assignala como um fim logico á humanidade.

Ensinar o direito, comprehendendo o seu tempo, crendo no progresso, é querer a mais bella de todas as fortunas para o seu paiz.

Nós vivemos em uma epocha, que deve preparar homens para o direito e não para a guerra. O direito matará a guerra.

Os grandes problemas economicos e sociaes que

nos atormentam não serão resolvidos por frios calculos de tactica, estrategia, balistica e castramentação e sim pelo direito, que é o vinculo do amôr, o laço da sociedade universal, no dizer de Laurent.

Marchamos para uma «humanidade melhor e mais feliz», para um ideal mais alto de justiça, de fraternidade e de liberdade e o direito é o ponto de partida e o norte.

As leis não cream o direito, o direito, porem, deve crear as leis, e só assim devemos comprehendêl-o; dahi a necessidade da vossa irradiação espiritual na vida dos povos, a vossa expansão de solidariedade.

A força, por si só, nunca poderá ser um direito; poderá ser uma lei, que, embora triumphante, não sobreviverá jamais. E' uma resistencia, mas não uma persistencia.

O espirito da verdade pelo direito é o vencedor eterno.

Dictar normas, impor vontades podem fazer a força, não dá a vida que dura e que vem das profundezas mysteriosas da alma collectiva, a unica que produz a felicidade pela paz.

Não deveis ser simplesmente doutores, de annel e canudo, e sim motores do direito, que o impulsiona para o bem geral, meros proprietarios de titulos equivalentes aos proprietarios de terras baldias, sem cultivo e sem beneficio. Só servem para pabulo de alimarias e reptis.

A força torna-se, ás vezes, um direito e direito vivo, quando é o instrumento do bem social e assim é irresistivel e santa. Não é mais a força, é o proprio direito agindo por si mesmo.

A força é o braço, mas o direito é o cerebro. O braço não deve somente sustentar armas, mas sobretudo mover alavancas. A sua missão capital é amparar o direito.

O direito, filho somente da palavra, mera hy-

pothese verbal, sem substancia, sem o elemento plastico da estructura social, nenhum valor pode ter. E' preciso estudar o direito e aprender a pratical-o, e convertel-o em acto e acção.

Estamos fartos de declarações de direitos, o que necessitamos é de realisações. São taboas de leis apenas para serem vistas do alto do Sinai da eloquencia entre as tempestades das revoluções e os relampagos das orações dos falsos patriotas.

O direito ha de operar a transfiguração do mundo pela paz e pelo trabalho. O direito na pratica se chama justiça.

O direito não é odio, não é antagonismo, não é rebellião, é amor, seu verdadeiro nome. Não é cobiça, não é insubordinação, não é anarchia, é a tranquillidade na ordem.

O direito é a fraternidade christã dos homens entre si, que gera a concordia e a solidariedade das classes sociaes, cujo maximo interesse é o bem de todos.

E' de uso geral empregar-se o vocabulo direito como um simples ornato rhetorico de palradores vaidosos, um tropo de ideologos e declamadores, uma idéa abstracta, uma generalidade esteril da litteratura politica e burocratica, como um vocabulo creadôr para illudir os individuos e os povos, um symbolo na arte dos homens publicos, esquecendo que o direito é a eterna aspiração da humanidade, precisa de transformar concretamente o que traz de augusto dentro de si, precisa de acção propria, deixando de ser um desses vocabulos recheados de ar, na phrase de Shakespeare.

O direito, como realidade viva e efficiente, tem o segredo das victorias dos povos cultos, assim tambem a alma da sua superioridade.

O direito não sahe armado das escolas, como Pallas da cabeça de Zeus, não sahe da technica e da ethica do ensino, dos methodos, dos systemas e dos processos, mas dos bons exemplos praticos, da

liberdade que ennobrece, do trabalho que dignifica, da verdade que esclarece, do caracter que santifica, do dever que disciplina e das virtudes civicas que fazem o apparelhamento scientifico do patriotismo.

O direito deve ser a energia electrica na illuminação e movimentação dos povos, como fonte inexgotavel de todo o progresso e de toda a civilisação.

Não nos convem mais as tradições guerreiras e feudaes da Europa. O direito deve preponderar sobre a força.

A mentalidade actual do mundo é refractaria aos meios violentos para resolver as pendencias entre os povos.

Os problemas, por mais complexos que sejam, têm na cultura dos povos os elementos indispensaveis para evitarem a solução pelas armas.

Precisamos de uma organisação juridica universal, para substituirmos os processos militares na solução dos conflictos, e é no direito, nas suas actividades creadoras e reguladoras que podemos encontrar o ideal e o nosso campo de experimentação. O bem commum pelo aperfeiçoamento social, num todo harmonico, centro das formações espirituaes da nossa civilisação.

O direito é o campo amplamente aberto e intermino de todos os bons combates e das bôas victorias. Todos luctam pelo direito. Só os vermes, no dizer de Kant, não luctam pelo direito.

Dizem que a paz só pode reinar, apoiada na força; mas nos devemos lembrar e constantemente que o direito é a força das forças. Sem o direito a força impõe tyrannicamente, como uma brutalidade, não ha duvida, porem pesa e cahe esmagando, sem deixar de si senão ruinas e escombros, de onde nada renasce para a cultura geral e, sim, heras damninhas.

A força deve ser a montanha em cujos pinca-

ros pousam e se aninham as aguias do direito, de onde soltam os seus vôos, fitando o sol da justiça.

Se o direito sem a força é impotente, inulto, a força sem o direito é indomita, feróz.

A mesma brutalidade, animada e dirigida pelo cinzel do direito, dá monumentos grandiosos e serve ao progresso, em todas as suas omnimodas manifestações, como factor de maxima valia. Abandonada em si mesma e por si mesma ou é a immobilidade ou a pan-destruição.

O ether, segundo a physica, é um oceano de substancia imponderavel e elastica que nos envolve, penetra todos os corpos e enche o que chamamos o vasio dos espaços interstellares. O direito deve ser como o ether, é um oceano tambem, cheio de grandezas pelos seus destinos, mas de elementos ponderaveis, expansivos e multifarios, que deve envolver todos, penetrar em tudo e encher os espaços intersociaveis das nações com todas as suas vibrações.

Amo a Republica, como direito, mas amada de todos, tambem pelo direito. Quero-a assim verdadeira e integral com todas as suas construcções democraticas, firmes e solidas. Quero-a normal e não anormal, «um culto abstracto em um templo nú».

Quero a Republica, como uma funcção do real; quero-a applicada como direito ás situações concretas da vida civil e politica. Não a quero especulativamente como uma concepção metaphysica e mystica, mas como um producto pragmaticamente utilisavel.

Quero uma Republica pelo direito e para o direito, não como uma mera theoria, estrictamente doutrinaria, mas uma coisa effectiva, pratica, obrigatoria, tendo solução para todos os conflictos politicos e applicavel a todos os casos, pertencendo a todos e não sendo de ninguem, conglomerado de palavras e simples definições e sim como

uma obra solidaria, dando-nos a paz e a concordia, como um dos cantos supremos da Iliada dos povos e das raças.

E' a vós, moços do direito, que me dirijo e que me ouvis. E' a vós que hão de caber amanhã os destinos da Patria. E' a vós que cumpre realisal-a, realisando pelo direito, sol que não deve obumbrar-se em eclipses e que deve manter-se no zenith para honra e gloria da humanidade.

Entoemos, moços, o *sursum-corda* do direito. Elevemos o nosso coração, que é formidavel potencial de energia para a Patria.

Christianisemos o direito pela verdade.

Dir-se-ha é uma utopia dos ideologos do aprioríismo, tropos de declamadores de vans generalisações estereis, pulvicolos impalpaveis que se espalham no vago; a utopia, porem, é quasi sempre uma supervisão augural, um balão de ensaio lançado aos ventos do futuro para sondal-o, um carbono em crystallisação, dando no seu allotropismo o diamante, que é uma das suas variedades.

Mocidade, deusa da esperança, encarnação synthetica do amôr, supplico-vos. Tudo pelo direito, que é o rythmo de todas as espheras da actividade humana, o principio energetico e dynamico que preside a utilisação dos beneficios, despojos opimos colhidos nas nossas luctas de todos os dias, e regula as leis do desenvolvimento dos organismos sociaes pela solidariedade e cooperação da justiça e da liberdade.

Cantae, desde já, ó moços, o hymno da victoria do direito; mas lembrai-vos que não se trata somente de obter a victoria, é preciso ainda merecêl-a.

E vós, mocidade, nesta continua ascensão triumphal, procurando sempre as culminancias luminosas, sois mais do que uma crença, mais do que uma esperança, sois uma realidade viva, cheia de iniciativas e audacias, cheia de aspirações e de amôr.

A' vós, a missão de engrandecer a Patria; á vós, a conquista do futuro, sem sangue e sem lagrimas; á vós, o maximo dever de fazer da Republica, em vez de um producto das armas, um producto do direito.

Ao futuro, pois, pelo direito; e assim sereis, ó moços, os eleitos da Patria, os benditos da Republica, no Juiso universal e supremo da Historia.

Realisemos o sonho de Isaias: «das espadas fabricaremos enxadas e das lanças foices; uma nação não erguerá mais uma espada contra a outra nação e não aprenderão mais a guerra». E como realisal-o? christianisando o direito.

Agora, afinal, uma prece, que vale um toque de alvorada.

Deus, que é o Saber Infinito, a Justiça Suprema e Indefectivel, a Fonte Eterna do Eterno Direito, vos proteja, meus caros amigos, por intercessão de Maria Santissima, *speculum justiciæ*, de cujas mãos ineffaveis, exhuberantes e inexhauriveis, emanam a flux todas as graças santificantes, dando-vos fé mais viva na Sciencia do Direito e vontade cada vez mais forte para a praticada Justiça, que é o bem social por excellencia.

«O' Senhora, exclama o poeta florentino, Dante Alighieri, tu és tão grande, tão poderosa, que quem desejar uma graça sem recorrer a ti, quer que o seu desejo vôe sem azas».

Christianisemos o direito e seremos salvos na plenitude da civilisação, que é o céo dos povos, a visão beatifica dos bons e legitimos pensadores, os escolhidos da cultura juridica universal, cujo espirito é imperecivel,